

## **ENTRE MATERIALIDADES E VIVÊNCIAS: REFORMAS ESPACIAIS E PRÁTICAS SOCIAIS NA CIDADE**

Autor (1): Aparecida Barbosa da Silva

(Autor (1): Aparecida Barbosa da Silva, Mestre em História – Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, aparecidabarbosa20@gmail.com)

**Resumo:** Este artigo objetiva analisar a cidade de Aroeiras, na Paraíba, entre anos de 1970 a 1990. Para esse momento, buscamos atribuir visibilidades a reformas espaciais a partir da análise de fotografias que, na nossa compreensão, são significativas para o tecer de leituras que versem sobre o urbano. Para apresentarmos a cidade e as vivências que dão vida ao urbano, empreenderemos um esforço no sentido de dialogar com categorias como representações, apropriações e práticas. Nesse sentido, discutiremos transformações de espacialidades, paisagens configuradas individualmente, compartilhadas pelo coletivo, pelos moradores e constituidores do urbano. Assim, problematizaremos as novas roupagens do urbano, refletindo sobre os usos dos espaços, sobre as práticas dos cidadãos. Para tanto, analisaremos fotografias tomadas como fontes históricas, e dialogaremos com teóricos como Michel de Certeau e Roger Chartier para pensarmos categorias como apropriações e representações. Refletindo sobre tais aspectos, para compreender as dinâmicas da cidade, destacando suas modificações materiais e estruturais, assim como os impactos causados no viver urbano, os percursos citados configuram-se como um importante lócus para compreender as vivências cidadinas e, ao mesmo tempo, dar visibilidade a diversos olhares sobre o urbano.

**Palavras-Chave:** Reformas Urbanas, apropriações e práticas.

## 1-Introdução

“A cidade sempre se dá a ver, pela materialidade de sua arquitetura ou pelo traçado de suas ruas, mas também se dá a ler, pela possibilidade de se enxergar, nela, o passado de outras cidades, contidas na cidade do presente. Assim, o espaço construído se propõe como uma leitura no tempo, em uma ambivalência de dimensões que se cruzam e se entrelaçam” (PESAVENTO, 2007, p. 16).

As marcas do passado nos inquietam, e, assim como um viajante, precisamos escolher os nossos caminhos para adentrar pelas dimensões do tempo e elaborar leituras que versem sobre o passado das cidades que abrigam outras tantas em seu presente. Sendo assim, para a realização desse trabalho, nos pautamos em indícios, vestígios do passado analisados a partir das escolhas teóricas e dos caminhos metodológicos que o ofício de historiador nos oferece. Ao encontrar nosso percurso teórico e nosso caminho metodológico, acreditamos que dispomos dos fios necessários para tecer nossa escrita, para significar, analisar as cidades e as tramas que a ela estão atreladas.

Nesse sentido, ao longo dessa escrita, ganhará formas a cidade de Aroeiras, na Paraíba, uma vez que, ao longo dos anos que vão de 1970 a 1990, aquela cidade passou por um significativo processo de transformações urbanas. Paulatinamente, os espaços rurais e o cotidiano da cidade foram ganhando outras configurações. As reformas urbanas geram conflitos, despertaram outras sensibilidades e acabaram por redefinir certos aspectos da cidade, sem necessariamente suplantarem os tantos costumes já consolidados, assim como as práticas rurais e o ritmo habitual de uma pequena cidade.

No entanto, acreditamos que gradativamente, os espaços urbanos e o cotidiano de Aroeiras ganharam outras configurações. Assim, buscamos tecer reflexões sobre as transformações urbanas, contemplando as modificações físicas e estruturais, bem como os impactos no cotidiano, nas sociabilidades dos homens e mulheres que vivem nas cidades. Para tanto, recorreremos aos arquivos da Câmara Municipal, da Prefeitura Municipal de Aroeiras (atas e projetos de lei do Legislativo, decretos do Executivo, entre outros) e a fotografias também pensados como elementos de memória, e analisados a partir da metodologia do paradigma indiciário proposta por Ginzburg (1989). Esse autor propõe que o transcorrido só pode ser acessado por meio dos indícios contidos nas fontes.

As reformas urbanas são compreendidas como responsáveis por alterar a materialidade dos espaços e impactar o cotidiano, as sociabilidades dos homens e mulheres que vivem nas cidades. As fontes sobre as reformas nos espaços urbanos nos fornecem indícios de que a materialidade está atrelada às experiências vividas, às práticas de trabalho, às relações familiares, ao lazer, enfim, a

ações que demarcam as territorialidades das cidades. Compreende-se, então, a partir do diálogo com Rolnik (1992), que a cidade também é configurada a partir das subjetividades do sujeito, de uma ligação intrínseca do espaço real, vivido, com a ideia de subjetividade. Acreditamos que essas significações, essas relações que os indivíduos estabelecem com os espaços configuram o urbano, também constituído pelas experiências dos moradores. Assim, a materialidade e a dinâmica de uma cidade dão contornos e atribuem formas ao urbano que buscamos significar ao longo dessa escrita.

## **2- Cidades e Espaços: alguns apontamentos conceituais**

Abordar historicamente a cidade, enquanto objeto de estudo, requer considerar que a temática se localiza em um campo de reflexão bastante amplo e complexo. Souza (2010, p. 9) informa que diversos estudos vêm sendo elaborados sobre a temática cidade, que é discutida a partir de vários olhares, e de diversas perspectivas historiográficas. Por isso, acreditamos que escolher refletir sobre o espaço urbano requer considerar essas múltiplas dimensões que permeiam os estudos sobre as cidades. Neste contexto, diante de um território amplo, que permite muitas possibilidades de trabalho, escolhemos refletir sobre as configurações do urbano, atentando para as mudanças e permanências em uma cidade de pequeno porte.

As transformações das cidades modificam os hábitos dos cidadãos que vivenciam as redefinições de aspectos da vida cotidiana em sua face coletiva. Sabe-se então que, nos espaços as experiências cotidianas se manifestam e se transformam. A esse respeito, consideramos que o cotidiano se inventa com “mil maneiras de caça não autorizada” (CERTEAU, 1994). O homem comum é percebido como criativo e inventor do seu cotidiano. Dribla constantemente o poder estabelecido, graças às “artes de fazer”, criadas para subverter os códigos e permitir uma apropriação do urbano, conforme interesses individuais. Em outras palavras, são as reinvenções do homem comum nascidas da criação anônima dos sujeitos.

Ainda segundo esse autor, as práticas do “homem ordinário” não podem ser desvinculadas da ideia de *apropriação cultural*. Dialogando com esse autor podemos propor que os consumidores do urbano se *apropriam* das espacialidades, constroem novos significados, e atribuem novos usos dissonantes daqueles propostos pelos planejadores do urbano. O *consumo* é, então, percebido como algo ativo, que ganha formas através das *práticas* dos cidadãos, que são múltiplas, que são significadas e ressignificadas cotidianamente pelos “praticantes do espaço urbano”. O praticar, por sua vez, não está dissociado das noções de “lugar” e “espaço”. O *lugar* seria o fixo, o estabelecido

pela ordem; o *espaço* seria o instável, o móvel, o praticado; o *espaço* se distancia do imutável, da norma que delimita o lugar.

A aproximação com Certeau (1994) nos ajudam a entender que os espaços da cidade são apropriados pelas *operações* dos cidadãos. O urbano é, então, consumido pelos seus habitantes que fazem *usos* dos espaços. Tais diálogos nos auxiliam nas reflexões sobre as *representações* produzidas para dizer e significar o urbano. Seria, então, considerar que o urbano é precedido e consumido pelos cidadãos que o refiguram a partir de suas *práticas* que não estão dissociadas das relações de poder, dos condicionamentos históricos do presente. A própria fotografia, matérias que analisamos para a elaboração desse artigo, também se configura como resultante de condicionamentos históricos, de demandas construídas para atender aos interesses de diversos grupos de poder (CABRAL FILHO, 2007, p.08).

As fotografias que trabalhamos foram encomendadas por iniciativas institucionais que buscavam registrar a cidade através de um determinado ângulo para apresentar, possivelmente, as novas configurações que o urbano havia adquirido graças a reformas materiais que consideramos responsáveis por impactar as práticas cotidianas, as ações dos cidadãos.

### **3- Entre práticas e materialidades: transformações urbanas e reelaborações de práticas cotidianas**

Acredita-se que a leitura da malha urbana diz muito sobre a experiência histórica de uma cidade. A fotografia abaixo é uma imagem captada do alto, de um ponto de vista fixo e elevado. Essa fotografia, possivelmente, é a cidade enxergada pelos olhos do planejador urbano, ou de alguém com a função de melhor apresentá-lo. É uma visão panorâmica, captada a partir de um ângulo escolhido para apresentar a cidade. Por ser uma visão de cima, perdemos alguns detalhes, mas ganhamos em síntese. É pensando nessa perspectiva que a imagem será a primeira a ser analisada. Assim, torna-se interessante tecer algumas considerações sobre as mudanças e permanências dos espaços do urbano a partir da referida fotografia, que na nossa compreensão torna possível a elaboração de reflexões sobre a experiência urbana de Aroeiras.

*Imagem 08: Vista panorâmica da Cidade de Aroeiras (década de 1980)*



(Fonte: ANDRADE, Pedro Paulo de. *Aroeiras sua origem*. A UNIÃO Cia. Editora - 1984, p.44).

Nela, em primeiro plano visualiza-se a atual Rua Epitácio Pessoa (também conhecida pelos moradores por Rua do Alto). Nesse ponto elevado de Aroeiras, nota-se a existência da energia elétrica de Paulo Afonso, extensiva às residências dos moradores. As pequenas casas de alvenaria, possivelmente de pessoas pobres, estão situadas em uma rua já calçada, com meio fio, ou seja, uma área com alinhamento, já contemplada por alguns equipamentos, sinais claros de que nessa porção de Aroeiras já foram efetivadas algumas medidas de urbanização. Assim como esses outros elementos, as árvores dispostas pelas ruas podem ser tomadas como indícios de uma preocupação com ideais de urbanização, com princípios modernizadores que visam promover o embelezamento da malha urbana. Nesse sentido, as árvores, os canteiros no urbano podem ser analisados como símbolos do moderno. Mas, no contexto local, não as visualizamos como árvores podadas, suntuosas, responsáveis por imprimir sensações de que um modo de vida urbano, moderno, estava se consolidando na cidade.

Percebemos naquela rua, pouco mais adiante, um aglomerado maior de pessoas. Acredita-se que o fotógrafo captou essa imagem em um dia de sábado. A nossa hipótese é de que aquele aglomerado populacional que contribui para compor a paisagem da rua é constituído por feirantes e fregueses que haviam adentrado o espaço urbano, naquele dia de sábado, e circulavam pelas ruas de Aroeiras, realizando trocas comerciais, interagindo com os outros cidadãos. A feira estava dispersa pelas ruas centrais de Aroeiras, onde frutas, verduras, cereais e os mais diversos tipos de produtos

eram comercializados ao longo das ruas. A princípio, a feira realizava-se no Mercado Público Municipal, e, à medida que foi crescendo, passou a dispersar-se. Ocupou os espaços da atual Rua Antônio Gonçalves. O mercado continuou abrigando a uma pequena parte do que é a feira, nos dias atuais. No Mercado Público, algumas reformas foram realizadas, o que culminou na construção de tarimbas revestidas de azulejo, lugar construído para a comercialização de carnes. Ao longo da atual Rua Antônio Gonçalves, comercializavam-se frutas e as outras mercadorias. A feira estendia-se até as proximidades da antiga Rua do Aricuru, atual Rua da Areia.

Na década de 1990, durante a gestão de José Fernandes de Melo (1993-1996), a feira foi retirada da área central. Em muitas cidades, esse procedimento é o resultado de ações de uma elite letrada, empenhada em suplantando certas práticas, certa forma de uso dos espaços urbanos. Pessoas pobres, mal vestidas, comercializando animais como porcos e galinhas, não deveriam ocupar as ruas centrais do espaço urbano, sobretudo das cidades com pretensões modernas, com ideais de progresso pautados em princípios higienistas, em ideais de salubridade. Mas, no caso de Aroeiras, a feira foi transferida para a atual Rua Neco de Andrade, por trás do Mercado Público Municipal, onde foi construída uma cobertura ao longo de toda a extensão da rua. A referida coberta passou a abrigar a feira de frutas e verduras.

Retirada daquela área, a feira continuou disposta ao longo da atual Rua Antônio Gonçalves, onde permanece até os dias atuais, embora as frutas e verduras tenham passado a ser vendidas no terminal rodoviário desativado. Na gestão de Gilberto Bezerra de Souza (2000-2004), a cobertura do “terminal rodoviário” foi ampliada através da construção de um galpão denominado de José Barbosa Sobrinho. Aos sábados, era como se a feira quebrasse um pouco o ritmo lento de Aroeiras, e, nos dias de sua realização, o espaço urbano, sobretudo a atual Rua Antônio Gonçalves, ganhava mais movimento. O espaço da atual Rua Antônio Gonçalves comportava grande parte das casas comerciais que existiam em Aroeiras; um dos motivos também para que o fluxo maior de pessoas, em dias de feira, estivesse concentrado naquela porção da cidade. Recentemente, a cobertura do terminal rodoviário passou a abrigar a feira e as festas que acontecem na cidade de Aroeiras.

Na fotografia, não é possível visualizar a rodoviária, construída na década de 1990, nem o atual galpão, construído nos anos 2000. Essas edificações não existiam. A imagem sobre a qual estamos refletindo foi feita na década de 1980. À época, a área onde mais tarde foram erguidas essas construções, era uma porção urbana pouco configurada. Por isso, ao caminhar por aquele espaço, possivelmente, o pedestre encontrava uma área ampla, ocupada pelas partidas de futebol que aconteciam aos finais de semana, pelas brincadeiras de crianças, pelos sons das interações das

peças ao desencadearem essas relações sociais existentes em uma cidade na qual o rural estava imerso em seu próprio interior.

Continuando o nosso percurso pelos espaços do urbano de Aroeiras, mais adiante, ainda no lado esquerdo da fotografia, existe uma rua. Trata-se da antiga Rua do “Aricuru”, atual Rua da Areia. Esburacada e pouco definida, sua imagem sem configuração urbana nos permite refletir que em Aroeiras a paisagem mudou, a cidade se transformou, ou seja, essa porção do urbano também passou por mudanças, muito embora a referida mudança na paisagem não signifique a completa inserção de equipamentos urbanos. Ainda de chão batido, com uma malha urbana pouco definida, naquela rua, a paisagem era silenciosa, bucólica. Mas, já hoje, passam velozmente carros de feirantes pela estrada carroçável que já fora estreito caminho transitado por burros carregados com latas d’água. Ali na baixa do riacho, Rua Epitácio Pessoa [...], apostavam corridas. Era ali, na casa vizinha, que Justina, mulher de Zé Padre, vendia o seu sarapatel. E o povo da feira achava-o tão gostoso que ali mesmo almoçava (ANDRADE, 1981, p. 51).

Pedro Paulo de Andrade é um memorialista responsável pela elaboração de uma escrita oficial sobre e para a cidade. Colhendo os frutos de seus esforços, publicou dois livros intitulados *Aroeiras e sua História* e *Aroeiras e Sua Origem*. Sendo assim, não podemos deixar de considerar que os memorialistas possuem o intuito de elaboração de um *ethos*, de uma identidade cidadina; os memorialistas constroem narrativas, elementos de distinção para o urbano. Tais escritos, ao serem elaborados, tornam-se responsáveis por imbuir em seus cidadãos uma sensibilidade urbana, edificada a partir do diálogo com tais escritos. Nós historiadores devemos tomá-los como representações da materialidade e do social. Esse processo de escrita não se desvincula das emoções, dos sentimentos individuais ou coletivos daqueles que vivenciaram muito nos espaços cidadãos do presente ou do passado, reconstruídos em seus textos. Os discursos elaborados pela memória indireta parecem mais reais aos cronistas do que o urbano em sua concretude.

Os escritos elaborados pelos memorialistas e as fotografias produzidas por fotógrafos se apresentam ao leitor de maneira verossímil, já que as cidades do passado são contadas, reelaboradas em sensibilidades e em sua materialidade. Olhamos então, para o passado de uma cidade a partir dos olhares dos outros que trazem impressões, marcas, maneiras de enxergar o espaço urbano, sua materialidade, suas práticas sociais, elementos do universo social em que este outro estava inserido. Aroeiras se converte, então, em objeto de discursos. Os olhares constroem imagens que consideram representativas da cidade, das *práticas* ainda muito vinculadas ao modo de vida rural.

Acreditamos, então, que o depoimento do memorialista sobre a atual Rua da Areia data da década de 1970. É elucidativo por nos possibilitar a compreensão de que a paisagem urbana da cidade de Aroeiras sofreu alterações, modificou-se, teve seus espaços alterados, muito embora, na urbe de pequeno porte, nem sempre essas modificações impliquem urbanização. Nesse sentido, além da rua a qual já nos referimos, também podemos visualizar mais quatro ruas paralelas mais ao fundo da imagem observada de cima. Sobre estas, podemos afirmar que a primeira, localizada à direita da imagem, não tinha calçamento, e as construções não estavam alinhadas; trata-se da atual Rua Monte Castelo. A segunda, possuidora de calçamento e alinhamento, é a Padre Leonel França. Nela está situada a Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, construída na década de 1960, e também o Grupo Escolar Antônio Ramalho, localizada por trás do Mercado Público. A frente dessa construção está situada na atual Rua Antônio Gonçalves, rua mais extensa em evidência, já contemplada com serviços urbanos.

Os espaços urbanos seriam, então, modificados. A paisagem estava sendo redefinida. Caminhando pelas calçadas da Rua Epitácio Pessoa e seguindo pela Rua Antônio Gonçalves, atravessando o riacho, passando pela ponte, outrora improvisada, de madeira, mais adiante chegamos à atual Zeferino de Paula, antiga Rua dos Coqueiros. É possível localizá-la na fotografia devido à presença maior de uma vegetação, composta em grande parte por coqueiros. A Rua dos Coqueiros, atual Rua Zeferino de Paula, como já destacado, outrora desfigurada, foi a primeira via de circulação a ser contemplada com canteiros e postes de ferro que, nos discursos dos gestores, possivelmente, eram representados como uma iluminação moderna para as ruas da cidade à época. As pessoas que se deslocassem de Campina Grande para Aroeiras adentrariam essa rua primeiramente, o que em certa medida explica o interesse por reformá-la. Seria a primeira rua a ser visualizada, sentida, significada pelo olhar de um visitante.

Além da fotografia analisada, a imagem parcial da Rua Zeferino de Paula, reproduzida a seguir, apresenta-se como uma dentre tantas possibilidades de refletir sobre as reformas dos espaços e as alterações no cotidiano. Não seria exagero afirmar que se pode pensar na experiência urbana de Aroeiras a partir da fotografia. Ela, uma imagem captada da artéria principal da cidade, representa bem o movimento das ruas à época. Esta, sem dúvida, é uma fotografia reveladora das características da urbanização, do cotidiano dos moradores, dos usos dos espaços de Aroeiras à época. Observa-se que as reformas dos espaços foram realizadas em áreas que antes eram rurais. Esses resquícios das espacialidades rurais estão presentes até mesmo nas formas de transporte e de deslocamento usual da população. Além disso, apesar de tais características, nota-se que o animal

não realiza seu trajeto pela via de circulação dos veículos. Segue pelo lugar onde deveria estar presente a calçada a ser usada pelos pedestres, o que é um indício de que as modificações tiveram algum impacto no que tange aos usos dos espaços, ou de que o animal poderia ir para um dos locais situados ao lado de aonde se desloca.

*Imagem 03: Rua Zeferino de Paula, posterior ao serviço de calçamento.*



(Fonte: Acervo pessoal do senhor José Fernandes de Melo).

A Rua dos Coqueiros, que antes era destinada prioritariamente ao passeio público de algumas pessoas que andavam a pé ou no lombo de animais, passou a comportar novas formas de uso dos espaços pelo fato de a população do município, a partir da expansão da urbanização e da construção do Banco do Brasil na década de 1970, ter passado a circular de forma mais frequente nessa área de Aroeiras, onde veículos automotores passaram a transitar habitualmente. Após a paisagem predominantemente rural ter sido modificada, reservando aspectos rurais extensivos à paisagem citadina e as práticas realizadas na década de 1970, a cidade de Aroeiras ganhou mais traços urbanos. Agora, as casas erguidas em uma rua outrora sem pavimentação formam um conjunto quase homogêneo de construções, as quais aparecem em primeiro plano; conjunto esse em que predominam casas de várias janelas frontais, indicando que são residências de melhor qualidade.

É possível ver também um montículo de vegetação que aparenta ser vegetação misturada com lixo, em frente à residência que possui um portão de ferro. Também é possível enxergar dois

postes por onde passam os fios condutores de energia elétrica; dois pedestres fazendo seu itinerário; um animal de carga transportando dois recipientes iguais, sobre o qual se vê um jovem montado. Em primeiro plano, na fotografia, nota-se a Rua Zeferino de Paula depois de ser contemplada com obras de urbanização. Na foto, pode-se visualizar a paisagem, o movimento daquela rua, alguns aspectos do cotidiano da cidade. À esquerda, veem-se alguns coqueiros. Os coqueiros antes mais presentes e que, outrora, davam nome à rua, agora são pouco numerosos, embora ainda persistam na composição da paisagem. Próximo a eles, ao lado do muro da primeira residência visível, há um olho d'água, presente na paisagem urbana até os dias atuais. Atualmente, sua água não é mais utilizada para o consumo. À direita, existem algumas casas dispostas de forma menos numerosa que do lado esquerdo, pois naquela área existia um olho d'água. Uma casa, com mais janelas, destaca-se entre as demais.

Na composição da paisagem, também existem alguns pedestres que caminham na direção oposta ao fotógrafo. São duas pessoas caminhando no mesmo sentido. Não é possível saber o destino para o qual rumavam, nem sequer se moravam nessas proximidades. Se não for este o caso, existe a possibilidade de estarem dirigindo-se à agência do Banco do Brasil (inaugurado na cidade em 1º de dezembro de 1978). Construção situada do lado esquerdo da foto, em segundo plano, mais elevada que as demais, em duas cores e com dois andares, o banco ganha destaque em relação às outras edificações mais simples, que estavam presentes ao longo da rua e que dele se diferenciavam. Constituíam-se de dois andares, sendo uma construção grandiosa para a época e o contexto onde foi construído.

Além do banco, na imagem, do lado esquerdo, ainda é possível notar, no movimento de ir e vir, um animal transportando um garoto e dois recipientes iguais. Como amplamente sabido, esse tipo de recipiente que o animal está transportando era utilizado para carregar água para o abastecimento doméstico. Porém, embora de forma menos comum, também eram utilizados para transportar leite. Não sabemos qual dos dois líquidos estava transportando; a imagem não nos dá indícios suficientes para chegarmos a uma conclusão.<sup>1</sup>No entanto, mais importante do que saber o conteúdo do reservatório transportado pelo animal, é refletir sobre a sua presença no perímetro urbano. Compreende-se que o animal fazendo seu trajeto pelas ruas, assim como a ausência de

---

<sup>1</sup> Para realizar a leitura da fotografia, o modelo teórico do paradigma indiciário norteia a análise da imagem a partir dos vestígios do passado. Os vestígios possibilitam uma aproximação com as características da paisagem, com as experiências cotidianas. Sobre o paradigma indiciário, ver: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. Tradução Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1980.

calçadas para o passeio público e a falta de alinhamento das residências à direita são indícios das feições rurais da cidade, preservadas mesmo depois de algumas reformas realizadas para promover urbanização e expansão para o perímetro urbano. Dessa forma, ainda nesse período, na paisagem citadina, era habitual a presença de animais transportando cargas pelas ruas. Certas práticas rurais não foram suplantadas pelas melhorias. As práticas rurais ainda constituem o urbano outrora reformado. Por outro lado, embora sem alinhamento, as casas de alvenaria atribuem ares urbanos à paisagem e são indícios de que nessa área a população mais pobre não residia.

Assim, no cenário cotidiano de Aroeiras convivem ritmos opostos. Além disso, a edificação da rua Zeferino de Paula é emblemática para refletir-se sobre as pretensões de desenvolvimento que iam sendo instauradas e recepcionadas em Aroeiras. Acredita-se que essa obra, também realizada durante a gestão de José Fernandes de Melo (1977-1982), pode ser o resultado dos desejos de uma elite política local, interessada em imprimir ares de desenvolvimento àquele espaço urbano de pequeno porte, para imbuir nos moradores fantasias de crescimento, de aspirações de desenvolvimento para a pacata cidade. Os melhoramentos também podem ser percebidos como responsáveis por embelezar a entrada principal daquele espaço urbano, que outrora estava pouco configurado, com ruas insalubres, iluminação precária e sem alinhamento.

O alinhamento das ruas, efetivado através de serviços de meio fio e do alinhamento das árvores no canteiro, expressa ordem, exprime, de alguma maneira, como aquele espaço deveria ser praticado. No entanto, em se tratando do cotidiano da cidade, a vida dos moradores ainda era permeada por um caminhar despreocupado, muito embora a relação dos habitantes com a cidade se tenha modificado. Pois, ao se alterar a materialidade dos espaços, as relações dos moradores também são transformadas, ainda que a vida cotidiana dos aroeirenses tenha continuado seguindo seu curso habitual, de dias tranquilos, com um ritmo de vida que parece não ter pressa.

#### **4- CONCLUSÃO**

No decorrer desse texto buscamos demonstrar que o espaço urbano possui uma materialidade erigida pela ação do homem sobre a natureza, o que nos permite reconhecer que estamos na presença do urbano, que é bem distinto da realidade rural, muito embora interaja, precise do rural, às vezes de forma muito imbricada em seu próprio interior, como é caso da cidade de Aroeiras, na Paraíba, que a partir de 1970, vivenciou significativas reformas. As transformações dos espaços acabaram por trazer uma nova configuração para a cidade. Contudo, Aroeiras continuou pequena,

pacata, com seu ritmo habitual de dias tranquilos. Representada em registros fotográficos, a nós coube a tarefa de significar a cidade, a partir de escolhas teóricas e metodológicas que nos guiaram nessa trajetória, ante tantos possíveis caminhos alternativos.

Portanto, nas cidades, ao longo do tempo, são processadas transformações que alteraram as características de sua paisagem. Na nossa compreensão, apontamos uma possibilidade de leitura, dentre tantas possíveis; a riqueza desse trabalho está na elaboração de visões que tornaram possíveis as reflexões acerca de uma cidade de pequeno porte, pouco contemplada na historiografia local.

## 5-REFERÊNCIAS

ANDRADE, Pedro Paulo. *Aroeiras sua história*. Campina Grande: Editora e Gráfica Santa Fé Ltda., 1981.

\_\_\_\_\_. *Aroeiras sua origem*. A União Cia. Editora, 1984.

CABRAL FILHO, Severino. A Fotografia para o estudo da sociedade – Trajetória. In: *A cidade através de suas imagens: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930-1950)*. Tese de Doutorado defendida junto ao programa de pós-graduação em Sociologia da UFPB, em 2007.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. Tradução Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*, v. 27, n. 53, p. 11-23, jun. 2007.

ROLNIK, Raquel, História urbana: história na cidade? In: *Cidade e história*. FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio A. de F. (Orgs.). Salvador: UFBA/Faculdade de Arquitetura. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, ANPUR, 1992, p. 27-29.

SILVA, Aparecida Barbosa da. *Entre trocas, divertimentos e laços de amizade: abordando a feira como um espaço de sociabilidade para os aroeirenses*. Campina Grande: UFCG, 2010 (Monografia de licenciatura em História).

SOUZA, Antônio Clarindo de. Apresentação: experiência moderna e cidades. In: SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de; FERNANDES, Paula Rejane (Orgs.). *Cidades e experiências modernas*. Campina Grande, UDUFCG, 2010.